

O SONHO

222

LUIZ FERNANDO DE ANDRADE FIGUEIREDO
Colégio Universitário

Viu, como num susto, que entardecera. E viu, pela janela, no mais que pôde, um resto de luz fugidia, dispersa. Um cristal de telhados disformes, reflexos de terra, restos de sangue do sol. Porque morrera e deixara num sentido de esperança, a incerteza de seu renascer, como deve acontecer na melancolia das tardes assim. Porque se foi, sem deixar mais que a despedida de alguns raios retardados, teimosos, que fugiam para vir iluminar por mais dois tempos a quietude do quintal. Entardeceu, como amanece para quem dorme, se inebriando de momento num mar implacável de luz, transbordante por tôda fresta e passagem. Sem aviso, sem espera. Sem ruído e sem demora. Entardeceu, porque devia entardecer, na exatidão do tempo e do sol.

E viu, além do visto, que lhe falhava a vista. Se tornavam tortas as imagens, demasiadamente tênue a luz. Porque nessa hora ainda deveria ver o jardim, distinguir as flôres, as côres. Ainda haviam insetos em vôo, aves em pios. Ainda não se haviam curvado, fugindo ao frio do orvalho. Porque se lembrava que noutros dias, nestas horas, ainda conseguia ver. Até que todos os ruídos cessassem e se sentisse a paz de um total silêncio. Até que só houvessem a iluminar o quintal, os reflexos distantes de nuvens vermelhas, finais. E sentiu, junto a um temor da noite, uma saudade crescente de outros tempos, de mais luz,

quase outras vidas. Porque lembrou-se de aventuras perdidas, histórias e estórias vividas, na adolescência e infância. E sentiu, sôbre si, o pêso de seus anos. Um resumo final de suas felicidades e tristezas e teve mêdo. De que lhe faltasse a vista ou de que morresse, ou assim ou doutro jeito não veria mais o que se acostumara a ver, a gostar e a ter sempre junto de si, mesmo como parte de si. Seu perambular incansável pela casa e janelas e visitar algumas vêzes o jardim, desde que alguém a ajudasse a descer as escadas e contemplar as flôres e ter, no nascer de uma nova, uma nova surprêsa, que lhe fazia dessas visitas uma aventura indispensável e inesquecível. Por fim, de ter, sempre nos olhos, como que uma visão de estrêlas de noites sem nuvens, uma profusão cotidiana de côres e formas por repetidas que fôssem, ou por novas. Poder ver, quando quisesse, o nascer e o morrer do sol, e esperar por êle, e tê-lo pouco a pouco, tempo a tempo, e só.

Mas nesse momento sentiu, ao sentir também a tarde e ameaçar a noite, que a noite a ameaçava de tomar-lhe de uma vez seus dias, e proibi-la de ver suas côres e sua flôres. Porque dia a dia vinham se tornando mais escuras as suas tardes, menos percebidas, chegadas sùbitamente, inesperadamente. As flôres se tornavam menos coloridas e se escondiam cada vez mais no meio das fôlhas e ramos e morriam. Os próprios dias eram também menos claros, nebulosos, e mesmo por isso quiseram não mais deixá-la passear pelo quintal, a julgar que poderia cair, no tropeçar em algum cego tronco, ou pedra. E nisso ter, desde então, que visitar o jardim apenas da janela, e na medida de que fôsse possível vê-lo. Sem dúvida que a sufocava a crescente ausência de luz. Nem se diz que morria, num morrer infinito, semanal ou mensal, junto com o morrer das flôres, junto com o morrer do sol.

E passou a ter, então, os olhos sempre molhados de umas lágrimas choradas demoradamente, inconscientes, por olhos que não piscavam. E pedia que fôssem aguar e podar as plantas e que lhe trouxessem alguns ramos para ela cheirar e enfeitar o quarto. Já não andava muito pela casa, já que encontraria mais obstáculos no caminho que coisas novas para ver. Nem sentia

muito bem a passagem do dia para a noite, apenas acompanhava o movimento das pessoas e dormia, e quando acordava se assentava numa cadeira de braços, onde continuava a dormir. Viu então que tudo passara a ser, como as histórias antigas, por muito ou pouco tempo, coisas passadas, com o fim de serem esquecidas. Mas ainda tinha muito nítidas na lembrança, as últimas visões, as últimas aventuras. Entre elas o jardim, que os odores trazidos pelo vento vinham reviver diàriamente, embora de uma forma distorcida, mudada, remodelada constantemente para que não se perdesse definitivamente na escuridão do tempo. Apenas alguns sons eram coisas novas, em sustos tremidos, calados. No mais, um silêncio de ouvir e ver. E chorava.

E chorou até que lhe vieram trazer a notícia da operação. E renasceu nela, nesse dia, um pouco da felicidade antiga, na forma de uma imensa esperança de que se lhe pudessem desanuviar os olhos, numa irradiante manhã de reviver e rever as coisas mais comuns, que já se faziam esquecidas. E enquanto esperava a vaga, recriou na mente todo o seu mundo perdido, numa tentativa feliz de antever o jardim, a rua, o quintal, a casa, tudo que a esperava, num banho saturado de luz. E por êsse tempo estêve alegre e pareceu que estivera a ver. Já falava mais e se interessava um tanto pelo que lhe ocorria ao redor. Mesmo porque sentira que voltara a pertencer ao mundo, e mesmo minimamente orientar o que acontecia nêle. E teve pressa, mas teve também calma, apenas queria depressa voltar a ser feliz.

Até que vieram por fim buscá-la. E agora chorou, mas de modo mais comovido, como se quisesse agradecer ou por não aguentar de conter em si uma quantidade tão grande de súbita alegria, ao descer a escada e adivinhar que se encontrava no jardim. Ainda mais por ouvir o zumbir de abelhas e sentir bem fundo, o puro e distinto odor das flôres. E foi.

E só viria a lembrar-se de si, quando a vissem acordar e lhe viessem dizer que estava bem, depois de demoradas horas de profundo sono. E pelo tempo que se seguiu, estêve mesmo a dormir, de modo que estranhou quando lhe disseram que deveria voltar. Mas permaneceria, por tempo ainda maior, com os olhos

vendados e de cama. Deveria então estar calma, e não ansiar por ver de viva vista os seus sonhos, mas deveria sonhar. Porque no momento assim dessa paz e solidão de sons e luzes, era excessivamente fácil sonhar. E não lhe fizeram esperar os sonhos, já que êles eram-lhe o principal passatempo e a haviam envolvido e criado em tórno dela um mundo só seu. Foi quando notou a novidade dos sons, vindos da rua, da casa e mesmo alguns de lugares desconhecidos, apenas presentes. E havia uma desconhecida profusão de sons, como que músicas, às vêzes como desastres. Notou que poderia separá-los, pela altura que tinham, pelo susto que causavam. Até que êles se tornaram familiares e ela podia reconhecê-los e saber o momento exato em que se faziam ouvir. Teve seus sons prediletos, os que traziam algum prazer estranho, inexplicável. Pediu também que lhe tocassem algumas músicas e decorou-as a fio, extasiou-se nelas, conheceu-as. E as músicas lhe traziam cada uma, uma emoção diversa, porque cada uma vinha lhe criar um refúgio por onde se esvaía seu pensamento, como a fugir de si e ir se embrenhar num infinito de formas e caminhos, apenas sentidos. E não havia trégua e não havia sono. Só uma interminável sinfonia, de sopros e cordas e acordes diversos. E o silêncio só havia nos seus olhos, fechados, como mortos. E lhe apareceram um dia, alguns instrumentos de se fazer os sons e ela reconheceu que eram êles a origem de umas músicas ocultas que lhe vinham não sabia donde. Mas sobretudo que poderia quando quisesse, fazê-los tocar, por assim querer, e ouvia seus sons, puros e sós, ou misturados e juntos. Pois havia, nessa orquestra aparecida, de todos os tipos dêles, ao alcance do simples querer. E ela organizou-os, em filas iguais, para que se dispusessem em ordem conhecida e invariável, a fim de encontrá-los, a um e a outro, no momento preciso e se fizessem ouvir, na ordem certa e desejada. E colocou mais no fundo, no mais alto, os maiores. E mais perto de si, aquêles de sons mais miúdos, menos percebidos. E no meio, a meio querer, a multidão mesma dos sons quase iguais, a profusão verdadeira dos violões e violas, tubas e pratos, flautas e liras. E de um lado ficavam aquêles de sôpro e do outro, os tocados no toque. E num momento vibraram as cordas, vibrou o

ar e vibrou uma música crescente, eterna, reconfortante. E cada instrumento se fazia ouvir a seu tempo, preciso e inadiável. E tocaram assim por largo tempo e êsse tempo só foi contado pela alternância dos sons, a repetição de umas e outras notas, o compasso interminável e justo da sinfonia. E era incansável ouvi-la, porque ela se renovava a cada momento, a cada nôvo som produzido, em meio à multidão incalculável de combinações dêles, seus arranjos e desarranjos, seus timbres e seus tempos. E ela soube por todo êsse espaço dirigir com definida vontade a alternância dos toques, a cadência exata dos instrumentos. E variou-os por seu querer e ouviu-os.

Chegou, porém, o dia de se lhe tirar a venda, de abrir os olhos e enchê-los de luz. E por ser assim é que foi numa manhã demasiadamente luminosa, para que fôsse maior sua surpresa e alegria. Muitas pessoas se ajuntaram em tôrno dela. Queriam roubar um pouco de sua alegria, se contagiarem com um pouco de seu renascer, reviver, rejuvenescer. E ficaram em tôrno dela porque queriam que ela os visse, seus rostos, suas feições, ainda os conhecia? E foi o que viu, no primeiro abrir dos olhos. E mais uma vez chorou, mas agora de franca felicidade. E viu a casa, o céu, as nuvens, o ar. Mas os outros não se contentaram e quiseram mostrar-lhe uma parte nova do mundo e a levaram no carro, por onde puderam ir.

O lago se estende mansamente até o pé da montanha, e reflete ofuscantemente os raios quentes do sol. Um lago de águas paradas, só de ondas redondas de pés de garças brancas, patos e mergulhos súbitos de andorinhas. E canoas levadas a remo e a vento, deixando atrás um desenho perfeito, riscos retos que fogem. E a imagem de árvores verdejantes, muitas e muitas, em tôda a extensão do redor. O parque, assim como uma mata aprisionada entre ruas e praças, com árvores enormes, galhos tortuosos e uma sombra ampla, convidativa. E de cima da serra, na estrada, uma visão geral e final de tôda a cidade, de todos os prédios e ruas e distinguir na imensidão dêsse mapa real, um telhado conhecido, a igreja, tão pequena, a pracinha, e tudo, num silêncio de não estar vivendo.

E de tanto vagarem, cansaram e voltaram. Ela não soube

agradecer. Descobrira novamente o mundo e ainda não se habituara com êle, aparecido tão inesperadamente, numa explosão quase. E queria revê-lo mais demoradamente, cada parte dêle, cada detalhe. E isso requeria tempo, longo tempo. Mas tempo havia de sobra agora, que lhe voltara a luz, que lhe reviveram os nervos. E poderia, por êsse resto de vida, ver e gostar das coisas do seu redor.

Mas lhe soaram de repente, na mente, algumas notas perdidas e ela recordou-se dos sons. E sentiu falta dêles, do prazer que traziam, do domínio mágico que tinha sobre êles, um verdadeiro mundo nôvo que descobrira e que era só seu. E por sentir falta dêles é que quis revivê-los e o fêz. E por mais de uma vez, passando mesmo a ficar todo o dia assentada em algum canto, em sua cadeira de braços, de olhos semi-cerrados e imóvel, em profundo silêncio. E ouviu de nôvo sua música e remexeu nos instrumentos e afinou-os. Outras músicas soaram, intermináveis.

Estranharam as pessoas que a viram assim. Quiseram saber se enxergava bem e como ela dissesse que sim, estranharam ainda mais. Levaram-na, então, a novos passeios, rotineiros quase, de tão freqüentes. E embora parecesse gostar, permaneceu consigo mesma impassível a êles, envôlta em profundos pensamentos. E realmente só percebia o contínuo tocar da orquestra e seus olhos se tornavam peças inúteis de vidro, sôltas, insensíveis. E voltava sempre que lhe dessem tempo, a seus cantos escuros e dormia largas horas. Julgaram que estivesse cansada, da idade, do susto que tivera com a doença de seus olhos, e resolveram deixá-la por estar, já que assim ela estava sempre feliz. Apenas temeram por sua saúde, que êsse hábito de viver nos cantos escuros e frios poderia prejudicar. E então a levavam habitualmente a se assentar sob o sol, e ela ficava assim largas horas, acomodada, satisfeita que a deixassem a sós para se aprofundar de tôda a alma no seu mundo sonoro. E lhe surgiram nesses dias sinfonias novas, resultantes de suas incansáveis escutas. Levaram-na um dia ao jardim e colocaram sua cadeira ali em frente a êle, na proteção da sombra de uma árvore e a deixaram ali o resto de um dia. Não se incomodou com essa visão

que lhe parecia reconstruir o passado, seu velho amor ao jardim e às flôres. Mas por um momento pareceu desconhecer os canteiros e fêz cessar a orquestra, acomodando nos seus cantos os instrumentos e silenciando o vibrante ar, para melhor observar e reconhecer o jardim, que quase lhe fugira por completo da lembrança. Mas aos poucos foi reconhecendo as flôres presentes, o momento mesmo de as ter plantado, e cada uma lhe trouxe uma época passada de sua vida. Reconheceu-lhes o nome e a côr. Lá estavam, do modo que as havia deixado, na ordem do espaço e tempo.

Ali no fundo, perto do muro, as plantas maiores, de esvoaçantes fôlhas e flôres vistosas. E os arbustos redondos, de copas cheias e fechadas. E aqui mais perto, na orla do canteiro, bem junto à cêrca, se dispõem as florzinhas menores, menos vistas, sensíveis ao sol e ao olhar. Há delas brancas e azuis e vermelhas e amarelas. E há também daquelas variegadas, misturas de gerações desconhecidas, de puras côres e odores. E na extensão melhor vista do canteiro, a meio caminho do ir e vir, ficam as famílias das rosas, dos antúrios e girassóis. Cada uma, no seu modo de ser, com suas variações, seus reflexos. E tôdas elas oscilando, a uma brisa quase não sentida e emanando ao ar, as emanações de seu perfume, e abelhas em vôos curvos e beija-flôres.

E ela notou, no todo geral da luz, um pouco de sombra. E descobriu que já iria entardecer. Porque já se notava que diminuíram os movimentos, no aninhar dos bichos e das nuvens, e o sol já se ía avermelhando, numa queda de morte. E passaram as andorinhas no seu último passeio e as cigarras cantaram a sua despedida. Vieram buscá-la e a levaram para dentro. Mas ela ainda quis ficar um pouco mais na janela, porque queria ver o desperceber dos telhados distantes, as torres longínquas. E o desmaiar das casas vizinhas e das árvores da rua. E viu que o céu se estendeu à extensão do infinito e o jardim imergiu numa névoa escura, sumindo lentamente, flor por flor. E acabou por todo o mundo cair em noite profunda.

E ela viu, que se fizera um silêncio profundo e mortal, que se prolongaria imutável até um nôvo amanhecer.